= Diretor-Editor: José Franco =
= Propriedade do grupo refratários =
Dirijir toda a correspondencia a DELIO VOUGA
RUA DA BOUÇA, 215 — PORTO

Composto e impresso na
Tip. «Artes & Letras»
R. Fernandes Tomás, 481
PORTO

# refratários

BI-MENSARIO INDIVIDUALISTA-ECLETICO
: : : : : Fora dos metros, kilos & litros : : : : :

1.º ano-n.º 4
15-1-1922

1 ez.—10 ctvs.
Serie de 6 n.os 1 esc.

## A REBELDIA

*...é bela, tem azas! Nasce do mais intimo da conciencia — é a liberdade em àção!*

*A rebeldia é a ideia-força. E' ela quem arma o braço viril que despedaça as cadeias que esmagam os parias; é ela ainda quem ezalta o eu, dando um vigor e força de vendaval aos deserdados concientes. Tem a audacia do sangue que grita, do corpo que se levanta e peleja. Feita livro — arremete contra a lei, chega, cantando, até ao erro, caminha, sorrindo, até para a morte...*

*A rebeldia! A's vezes cái — para se levantar mais forte, esquecidas as chagas e as dores; mas caminha sempre bem direita — braza e facho, ora queimando os corpos ora iluminando os espiritos!*

*Alma das sedições — temerosas tempestades sociais — soube em todas as idades levantar as jentes envilecidas. Inquietou outrora os tiranos — é ainda oje o seu maior pesadelo! A rebeldia, que tem o brilho fulminante do raio, armou — raio de justiça! — as mãos dos proletarios com o punhal da* révanche!

*Vinda do despertar da plebe, lento despertar que os tiranos não podem tardar mais, a rebeldia, luz dum novo oriente, sol duma nova ideia — surje para nos animar, para nos arrebatar ás gloriosas pugnas do ideal!*

*A rebeldia... Ajita, destroi, edifica, transforma — arraza... E' bela, tem azas, vôa — eleva-nos, redime-nos. Nasce do mais intimo da conciencia* — é a liberdade em àção.

*Sevilha* (Espana) 21-XII-921.

RAFAEL PEÑA.

A seguir *A autoridade*.

## À mocidade eróica!

Lêr *O Despertar*, numero de 5 de Janeiro, é retemperar o espirito na comunhão alevantada das almas nobres. Em palavras dum altivo desassombro — atitude a contrastar virilmente com os bonzos da organização operaria e pseudo-revolucionarial — o orgam das *Juventudes Sindicalistas* reivindica a onra de acamaradar com as vitimas da reação monarquico capitalista-burguesa — relembrando, num desejo creador de *révanche*, a tragédia que os aniquilou!

**Jaime de Figueiredo, Armando dos Santos, Joaquim Estrela, Raul dos Santos, Matias Sequeira, Castro Simões** e **José Agostinho** — são ezemplos vibrantes do que póde uma vontade energica e autonoma.

Quando se procede como *êles* procederam, aliançando os átos às palavras, temos de reconhecer a pequenez do nosso critério — e a bandalheira dos que invocam o prestijio da «organização operaria» para repudiar a nobreza destas rebeldias. No fundo o que se tenta salvar não *é* a «organisação operaria», egoista e anti-inovadora, mas manter e conservar posições creadas — o «balcão» do *anarkista* emancipado e a «carteira» do burocrata sindical.

Por isso gritaremos sempre, nós que não somos pela violencia feita sistema de luta mas que admiramos as atitudes desassombradas e individualisadas — *Vivam os novos! Abaixo os velhos* — os velhos do corpo e os velhos do espirito!

Leiam o *Despertar*.

## Léon Prouvost

Chega até nós, numa crispação forte de trajédia, a noticia dolorosa do desaparecimento de Léon Prouvost. Deste insigne camarada, qûási inteiramente desconhecido em Portugal, podemos com justiça dizer que era um OMEM no significado eroico da palavra. Na patria dos Foch, dos Millerand e dos Maurras, Léon Prouvost era alguem.

A acerrima propaganda anti-relijiosa que desenvolvia incomodava sèriamente a Igreja. Esta, o espoente massimo do conservantismo social, teve ocasião de mais uma vez pôr em pratica a *sua* famosa mássima satânica: *os fins justificam os meios*.. Tudo pra maior onra e gloria do reino de deus na terra...

E o pretesto surjiu. As autoridades esploram ignobilmente um caso, por elas inventado, de propaganda anti-militarista na marinha; prenderam dois marinheiros assinantes de *L'Idée Libre* (A Idéa Livre) e foram de seguida devassar o domicilio de Prouvost. Passa-se então uma cena monstruosa, que põe bem nitido o torvo designio da Igreja aliançada ao Militarismo, qual era o de espedaçar o nobre, jeneroso e porfiado esfôrço daquele audaz opugnador das crendices religiosas: oito policias, em nome das garantias constitucionais, por certo, (isto passa-se na terra dos direitos do omem e do cidadão!) entretém-se *durante 34 oras!* a esquadrinhar os mais intimos recantos da casa. Foi uma busca d'alto a baixo. Busca inutil no respeitante ao *bluff* da propaganda anti-militarista. Mas, *em compensação*, os oito policias partiram com *150 kilos de documentos* apreendidos: correspondencia, papeis, brochuras, arquivos, etc.

Uma pilhajem em forma!

Léon Prouvost, com os seus 65 anos, doente, ezausto, mediu num relance a estensão do perigo e a profundidade do golpe pèrfidamente vibrado: seria sem duvida chamado á presença do juiz de instrução e fatalmente inculpado e condenado.

O golpe foi demasiado brutal para que a estranha sensibilidade de Prouvost de pronto se refizesse. O grande lutador deu balanço à sua ezistencia: viu destruido tudo que êle mais amava no mundo, achou-se velho e na eminência duma vingança cruenta. Resolveu suicidar-se...; são desta tempera os omens bons, os omens que amam verdadeiramente a vida!

*

Prouvost nacera em 29 de Setembro de 1856. Filho de pequenos burgueses, entrou na idade de 10 anos para o colejio de Roubaix, dirijido por padres, o qual frequentou durante cinco anos. A sua permanencia nessa instituição jesuitica foi a *causa mater* das suas opiniões anti relijiosas; conheceu os padres de perto, e o espètáculo imoral dos seus desregramentos ensinou-o a desprezá-los.

Aos 20 anos, o contráto com um dos seus tios, coronel d'infantaria, oficial autoritário e perverso, desenvolveu nele o odio contra a tirania infamante da caserna.

Até aos 48 anos, Léon Prouvost dedicou-se simplesmente aos seus negócios; foi naquela idade, na maturação plena da sua conciencia esclarecida, que êle se iniciou no movimento social. As suas enerjias de intrépido lutador volta-as Prouvost contra a Igreja, num momento em que uma séria ajitação anti-relijiosa revolvia a França. Torna-se um fogoso militante do Livre Pensamento, que êle concebe sob um ponto-de-vista eminentemente social. Colaborador assíduo de varias publicações da vanguarda, afirmando-se um jornalista de merecimento, a sua pena desassombrada vem todavia a ezercer a sua mais ampla àtividade n'*A Idéa Livre*, depois da guerra.

Léon Prouvost foi condenado em 1914 a um ano de prisão por ter demonstrado em manifesto que os catolicos e Poincaré (o presidente da Ré pública Franceza) eram os principais responsaveis da matança mundial. Criou uma Biblioteca Circulante, em 1917; a *Cronica do Movimento Anti-relijioso*, que nós tanto apreciamos, era da sua iniciativa; e, com o nosso amigo André Lorulot, lançou as bases da Liga d'Ação Anti-católica.

No Livre Pensamento Internacional a figura simpatica de Prouvost destacava pla formidavel àção que de contínuo desenvolvia.

Até mesmo no ultimo áto da sua vida o nosso eroi se pôs *fora da lei de deus*, saltando corajosamente por sobre a rijidês do decálogo...

Com Léon Prouvost desapareceu um dos mais esforçados lutadores dos ultimos tempos.

*

Omens concientes!: eis um crime mais a juntar à série já longa, ininterruptamente sinistra, dos crimes perpetrados pla Santa Madre Igreja. Estamos em presença da mais poderosa conjunção das forças vivas da Morte. Como que obedecendo a um *mot-d'ordre* internacional, como que siamezados no mesmo *parti-pris* de torvos aniqùilamentos, as quadrilhas da farda e as maltas de roupeta dão-se as mãos numa fraternidade cynica de abutres!

Omens!: mobilizai de-pronto as vossas enerjias e dardejai-as firmemente contra as jelidas catacumbas do *Syllabus!* A sociedade umana não pode ser orientada plas múmias dum passado asqueroso e sangrento. Oponhâmos às estúpidas teorias da abdicação e da vil renuncia a virilidade cachoante dos pensamentos modernos!

Mais uma vez: *Quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre!*

D. V.

## A reação em Espanha

Temos aludido por vezes á tremenda reação que se observa em todo o mundo, reação orijinada no ezaspero das realisações socialistas da Rússia, e nunca esquecemos, nessas referencias, a monstruosa trajedia social que á anos se vem desenrolando no paiz visinho.

Foi um dos nossos quem, na *Luz ao Povo*, de Coimbra, lançou o primeiro ardente grito de repulsa contra a infamissima perseguição que vitima, em lances inquisitoriais, todos os trabalhadores livres de Espanha. Foi ainda um dos nossos que entregou nas mãos de um delegado da C. G. T. a primeira moção de protesto contra essas violencias, moção aprovada pelo proletariado de Coimbra, no dia 1 de maio de 1920. Ao fazê-lo obedecia aos proprios impulsos e ainda ao vivo desejo de materialisar em fàtos o lancinante apelo que de Espanha lhe dirijia um amigo e camarada muito querido.

Agora, dois ános volvidos sobre o primitivo apelo do nosso amigo, nova carta nos chama ao ezame duma situação em crescendo pavorosos de dôr. *Rafael Peña*, que firmou na *Comuna* algumas desoladoras crónicas sobre a situação do proletariado em Espanha, confessa-nos o seu cèticismo sobre os burguêses da rua do Sol, que deixam passar sem um protesto veemente a obra da reação datista, pondo o seu amplo formato e as suas edições regulares ao serviço bem pouco comunista da detratação dos seus colegas Russos.

Volta-se para nós *Rafael Peña* — e amargamente, desoladamente, conta-nos «Estamos em um periodo angustioso de perseguições afrontosas e infames. A' mais de dois anos que em Espanha ninguem pode pensar nem escrever e menos ainda demonstrar desejos de reivindicações. As comisorias (?) da policia são os tribunais da antiga Inquisição. Os cárceres estão abarrotados de camaradas e a policia não deixa de cheirar e perseguir.

«Não obstante lutamos; lutamos clandestinamente contra todos para poder arrancar os camaradas processados, vitimas de falsas acusações, das mãos da policia. Isto é um labor árduo, *porque a massa, coibida pelos horrores impostos, não corresponde.*

«Sobre isto escrevi alguma coisa para a *Comuna* e não publicaram porque duvidaram das minhas asserções, dizendo ainda que o meu trabalho era muito estenso! Subterfugios — ou conveniencias? Nada sei. Para mim só uma coisa: pouca identificação e pouca solidariedade.»

Verifica-se, lendo estes extratos da carta de *Pena* — cujo original guardamos cuidadosamente — que *A Comuna* (comúa) se recusou a publicar um documento importantissimo para os trabalhadores espanhois — alegando que era em demasia estenso e possivelmente inezato! O que não é *estenso* nem *inezato* são as longas e aborrecidas traduções de ataque ao bolxevismo, que eles, os libertinos, não lograram jámais compreender na sua intensa miopia mentall O que não é *estenso* nem *inezato* são os comunicados de Damião em defeza dos seus colegas de industria, bemfeitores do periódico, no tipo daquele conhecido sr. Amadeu Cardoso Nada disso é estenso, nada disso é inezato! *inezato* e *estenso* — só o que interessa à vida e ao futuro dos trabalhadores de todo um paiz, melhor ainda, dos trabalhadores de todo o mundo!

Corja de libertinos! Corja de sacripantas!

E teem — garotos desta espécie — a torpe audacia de continuar a dirijir um orgam pretensamente libertario!!!..

*

Da carta de Pena ainda se deduz uma outra verdade, que nós, individualistas, temos constatado mil vezes:

*«Isto é um labor arduo porque a massa, coibida pelos orrores impostos, não corresponde».*

Já o sabiamos, querido amigo. E' por isso que somos individualistas. Só contamos conosco. A multidão faz as gréves jerais — e as reações completas. Que á a esperar dum proletariado que tem no seu seio, como *força* esplendidamente treinada, — um sindicato de armas e munições?

— Talvez o não saibas?... Em Portugal á quem passe o tempo a censurar a ditadura do proletariado Russo — fabricando armas para os ditadores burgueses. Uns fabricam-nas nos Arsenais — outros empregam-nas nos 29 de Setembro e nos 13 de Fevereiro.

Se no 29 de Setembro os presos da Relação não sairam de lá — tu conheces a Relação, meu pobre Rafael? — deve-se isso aos «anti-ditadores» da *comua* — e ao sr. Cristiano de Carvalho. Foi um esplendido serviço prestado por êles à república — valha a verdade bem compensado!

**A conferencia contraditoria** anunciada para o dia 29 do mês findo ficou adiada para dia que oportunamente anunciaremos nos jornais cotidianos.

# A concèção económica do individualismo anarkista

I

**Resposta às curiosas observações feitas pelo nosso bom amigo J. A. Deus Cunha ao meu artigo *A propriedade privada*, publicado no número 2 do refràtários.**

Não nos é próprio falar num futuro anarkista: O *àmanhã* ficará para os qae vierem *depois*. Agora, o que nos interessa, são as coisas e os anarkistas do presente. Deixando eu de ezistir nada me poderá interessar. Oje, sim, preocupo-me sériamente com os anarkistas e os meios que pretendem criar para viverem mais livres, moral e economicamente.

Acusam-se os individualistas libertarios porque, em economia, não têem um método sobre o qual possam realisar as suas aspirações de vida livre, fora de todos os rejimes impostos. Ora, ao contrario disto, os individualistas sempre votaram às questões economicas o melhor da sua atenção. Nunca, entre êles, se olharam *do alto* os problemas sociais—nem consta que na numerosa obra de Proudhon ou de Tucker figure uma *Conquista do Pão* "evanjelho„ muito sublime, impregnado dum comovente *armonismo*—mas pouco claro e absolutamente nulo como programa de realisações.

Quanto a nós pensamos que o melhor meio dos omens se libertarem da exploração capitalistica consiste em estabelecer entre si um sistema de permutas dos produtos do trabalho umano. As coisas, neste caso, tomariam apenas o valor *rial* e não o valor fiticio que presentemente teem. O valôr, sujeito oje às flutuações cambiais e aos mil inesperados incidentes do rejime capitalista, será, numa sociedade de individuos livres, a resultante duma *ustilidade* visivel.

Então o *companheirismo* far-se-á sentir cada vez mais. As "associações de egoistas", *creadas fóra dos nocivos imperativos morais ou sociais*, substituirão as velhas sociedades autoritarias.

«Mas—objeta o nosso amigo Deus Cunha—numa sociedade individualista os omens mais cultos terão sempre vantagens sobre os mais fracos e menos inteligentes. Daï resultará a desigualdade no goso e no bem-estar". O camarada Deus Cunha esquece-se que os individualistas não se fazem ilusões sobre as massas, mesmo operarias. Eles sabem, como toda a jente *que vê* sabe tambem, que com sêres dejenerados por séculos de autoridade e de vicios não é possivel criar-se um *mundo novo*. Por isso vivem a *sua vida*... E' certo que oje fatores diversos condenam a maior parte dos individuos a permanecer numa ignorancia tam estupida como condenavel. Vái nisso o interêsse dos mandantes. Cegos e confiantes os proletarios não compreendem a razão que lhes assiste em gozar uma vida intensa, bela e livre.

Mas, pelo facto da imensa maioria dos trabalhadores vejetar ainda imersa em densas trevas—nada nos autorisa a supôr que a situação continuará a mesma, indefinidamente...

Os menos intelijentes saberão sempre—está nisso a indole egoïsta do bicho-omem!—defender o proprio interesse; os mais fracos encontrarão no novo ambiente libertario as condições de resistencia àtiva às violencias pouco prováveis dos *fortes*.

Note o amigo Deus Cunha que uma sociedade individualista libertaria presupõe, para se efetivar, um meio libertario tambem. Ora, num meio *libertario*, não averá quem esmagar. A suceder o contrario a nova sociedade seria tudo escéto—libertaria!

A' um periodo do meu artigo que si gularmente perturba Deus Cunha. E' aquele em que digo:

«Quanto a nós, individualistas-anarkistas, entendemos que para o individuo sêr livre deve êle mesmo ser o dono do seu trabalho, desde que não esplore nem faça trabalhar outros por sua conta; o que possúe é rialmente seu, do que poderá dispôr a seu beltalante; tudo o que o seu esforço produza constitue a sua verdadeira propriedade privada.»

Nada mais natural, mais justo e mais umano que isto. O individuo deve sêr o *ùnico* dono de tudo quanto o esforço criou. Deste modo, *e só deste modo*, acabará toda a espécie de esploração económica. E esta propriedade, que chamaremos privada, constitue a garantia da independencia social e moral dos trabalhadores. O mal de oje está em que o dono dos produtos do trabalho não é o trabalhador, **o que os criou,** mas o capitalista, o burguês, que arrisca o capital no sentido de elevar a rénda. Ora os individualistas propõe-se esterminar a renda, proclamando a gratuitidade do crédito e enobrecendo o trabalho.

Diz ainda Deus Cunha:

«Á trabalhos, de dificil realisação, que ezijem um grande número de trabalhadores para poderem efectivar-se Nesse caso quem será o dono do labor realisado?»

Poderia responder que estando nós muito longe ainda de qualquer sociedade libertaria é aos vindouros e não a mim, que compete resolver o problema. Mas êle é tam pueril que duas palavras o solucionam. Os *patrões*, em casos destes, serão todos os interessados na obra feita, tal qual sucede nas emprezas de esploração capitalista, em que os lucros são distribuidos proporcionalmente aos capitais empregados. As emprezas individualistas-libertarias diferem das de agora neste *episódio* fundamental: é que os acionistas do futuro serão simultaniamente trabalhadores—ou seja, dito mais claramente, *os criadores do valor auferido*.

Á pormenores que preocupam o meu simpático objètor: «se eu quizer viajar de barco ou de caminho de ferro—como fazer?» Mas, pai do céo! evidentemente associar-me a todos aqueles que preferem os passeios de barco aos vôos de auroplano... O que não é lejitimo nem justo é que me obriguem a contribuir com o meu esforço para uma empreza de viajens aéreas—se eu tenho orrôr ao vácuo e ámo mais os enormes e comodos transportes das futuras *Messageries Individualistes de l'Europe*!

Outras objeções me faz o onesto e investigador amigo Cunha mas acho-as deveras improcedentes. «O que farão os individuos que não saibam trabalhar? Quem me garantirá o direito à posse do meu trabalho? E os que sistemáticamente se furtam ao trabalho útil? Que destino a dar-lhes?»—são outras tantas preguntas que poderiam talvez incomodar um utopista da escola comunista-libertaria—mas que me deixam perfeitamente tranquilo. Os parasitas poderão proliferar e viver numa sociedade comunista-anarkista (!), onde toda a economia se reduz á simplicidade injenuamente encantadora do *pôr e tirar do monte*. Numa sociedade dessa espécie podem á vontade esplorar a ignorância altruista dos trabalhadores imbecis. Estes, vivendo no receio da força, nem para esta teem recurso. Com os individualistas não sucederá assim. Donos do seu trabalho—eles saberão defendê-lo dos parasitas. E' que o amigo Deus Cunha talvez n o saiba que à tese determinista, em que assenta toda a filosofia libertaria dos comunistas tipo Kropotkine—os individualistas opõem o principio da *responsabilidade*. Mas êste já vai longo—e eu não quero cansá-lo. Fico-me por aqui, com a promessa de voltar em breve ao assunto.

*Lisboa*, Janeiro, 1922.

JOSÉ FRANCO.

# Anarkistas-individualistas

**(Para o camarada Hartey, do grupo *A Terra*).**

O artigo de José Franco, publicado neste mesmo n.º do ***refràtários***, esclarecê-lo-à sobre a concèção económica do individualismo-anarkista. Mas, porque nos parece duma grande lucidez e de bons efeitos para a nossa propaganda, traduzimos de *La vérité sur les Anarchistes*, de Alfred Loriot, o seguinte oportuno trecho:

«A' muita confusão sobre o termo anarkista-individualista. O anarkismo-individualista, tal como Tucker e Mackay o espuzeram antes de sêr conhecido em França, é uma doutrina essencialmente negadora da autoridade e da esploração, mas que não confia em nada nos movimentos revolucionarios das massas. Tudo espera, em primeiro logar, da educação individual, aprossimando-se muito do tolstoianismo ao preferir a resistencia passiva à violencia revolucionaria.

Todo o individualismo rejeita o dogma de qualquer espécie que este seja. A *resistencia passiva*, preconisada por êle, caraterisa-se pela recusa às funções eletivas ou eleitoras, ao pagamento dos impostos, ao rejisto dos nascimentos dos filhos, ao serviçom ilitar, etc.

E', como se vê, uma atitude mais fecunda e mais útil que todo o palavriado romanticamente falso dos chamados comunistas-libertarios.

O individualismo admite a associação—a «associação dos egoïstas»—num fim determinado e por um tempo determinado. Distingue-se da tendencia comunista quando se declara ostil à posse em comum das ferramentas e materiais de produção. Uma sociedade anarkista-individualista seria um meio em que cada omem possuiria privadamente toda a ferramentaria indispensavel ao seu labor e, ponto basico, igualmente poderia dispôr, segundo a propria vontade, dos frutos do seu trabalho, contanto que este fôsse obtido pelo seu esforço pessoal, fora de toda a esploração e dominio dos demais sêres. Enfim, para o anarkista-individualista, a questão individual avantaja-se à questão econòmica e à questão social.

«E. Armand retomou esta tese que espoz em ***Os refràtários***. Esforçou-se sempre em diferenciar o *anarkismo-individualista* do comunismo-anarkista e do individualismo autoritario, fazendo notar que o individualista autoritario, para conquistar a sua autonomia, não duvidava em esplorar ou dominar os outros omens. Ora o anarkista-individualista não quere sêr dominado mas tambem não aspira a dominar!»

Voltaremos a tratar deste importante assunto, e, em especial, das ideias economicas de E. Armand, preso em França á quatro anos.

A REDAÇÃO.

# O REINO DOS MORTOS

***por Ralph***

Em todo o meu caminho só vejo cadaveres. Não dou um passo na rua que não encontre um omem de rosto meigo, jestos placidos e tranquilos—um morto.

Soldados e putas, abades negociantes do bom deus e mercieiros vendedores de venenos, burgueses marchantes de carne umana e imbecis satisfeitos, prolos dejenerados e burocr tas cretinos—toda esta jente se ajita e se move com aparencia de vida mas na rialidade está morta. Tam morta como a carne decomposta que apodrece nas valas. Da vida, que desconhecem, só teem a ilusão.

Viver! Não será isso gozar, gozar intensamente na satisfação constante de todas as necessidades? Gozar com um corpo san, um coração vibrante, um cérebro lúcido, esgotando a gama das sensações, conhecendo a profunda alegria dum raciocinio impecavel, estasiando-se ante o brilho dos astros, flores celestes, de corolas delicadas e olhos pensativos..

Vives! Não será isso afirmar a todo o instante, altivamente, a propria individualidade, num desafio eroico aos elementos contrarios? lutar—e saír vencedor?

Ora, prostituidos e prostituidas de tadas as categorias—da oficina, da caserna ou do bordel—aqueles seres espulsaram de si tudo o que em si tinham de viventes.

O direito de ajir e de pensar já não o possuem. São todos êles o joguete passivo de inumeraveis autoridades, que suportam contritos. Sobre os seus ombros burricalmente curvados pesam as conveniencias, os prejuisos e a iérarquia. A vontade dos donos governa os seus àtos mais insignificantes. Servidores das divindades relijiosas ou dos dogmas ateus, creados por outros omens tam absurdos como êles-mesmos, só conhecem a atitude da curvatura e da jenuflecsão, só falam a linguajem dos submissos e dos lisonjeiros.

Assim como o acaso do nascimento os fez nascer numa taberna ou à sombra dum cofre-forte assim os seus pensamentos e as suas vontades—sejam êles operários ou tasqueiros, majestades ou patifes, defensores da ordem ou bandidos, majistrados *íntegros* de moral avariada ou financeiros verminados—veem já codificados, classificados e regulamentados.

Claustradas nas odiosas buracas do comercio, nas prisões esmagadoras do trabalho, nos conventos e nas academias—êles ignoram o esplendor do sol, a beleza da natureza—a Vida!

Vestidos de ouropeis ridiculos e incómodos, de casacas pretas, togas escarlates ou uniformes chamarrados; submetidos às convenções do mundo e da moral; o coração pôdre de onradez—ignoram a felicidade de ajir livremente, ezercitando a vontade sem cuidado dos regulamentos—*vivendo a Vida!*

Fechados nos circulos viciosos dos obsoletos raciocinios, petrificados os cérebros nas antigas formulas e nas mentiras sagradas, eles *vivem* ignorando a altivez e a audacia do raciocinio san, a beleza severa da lojica—a propria vida!

Todas as modalidades da ezistencia lhes são desconhecidas. São mortos. Prisões, bancos, templos, prostibulos—assim chamam aos seus cemiterios...

E estes mortos tapam o caminho aos vivos. E estes cemiterios encondem a bôa terra onde as flôres poderiam crescer e os omens sonhar e amar...

Aquele mundo de fantasmas não é o nosso. Nós vivemos.

Por entre as suas imensas necropoles passamos como demolidores, franqueando o caminho!

Os mortos são uma barreira a estrangular as nossas atividades. Nos seus jestos mudos adivinha-se a indicação lugubre das suas fossas escuras e aniquiladoras.

...Passaremos ezaltando a vida, gozando a felicidade de pensar, de amar e de lutar.

A nossa vida é uma lúta contra os mortos. Eles impõem-nos mil cadeias-interdizem-nos mil prazeres. Mas nós esperimentamos a alegria infinita da insubmissão, levantando por sobre os tú, mulos a nossa revolta jocunda e vitoriosa!

Ante nós está o futuro luminoso. Seguimos para lá. Nem os odios, nem as cóleras, nem os rancores dos mediocres nos atinjem. Atravez as vicissitudes da luta saberemos ficar omens, conservando os corações vibrantes de amôr e os cerebros lucidos.

*Vivemos*, e toda a nossa vida é uma continuada vitoria sobre os mortos; mas desejamos que os outros omens possam

# À mon ami l'orateur révolutionnaire

Versos de *Ibsen*, estraídos das *Poèsies Complètes*, tradução Francêsa, e oferecidos pela redação do ***refratários*** à piedosa meditação do «industrial» de suspensorios *Costa Carvalho*, verdadeiro tipo de «l'orateur aux foules» tam admiravelmente desenhado pelo imortal dramaturgo do Norte.

*— Vous dites que je suis devenu conservateur ?*
*Je suis resté ce que je fus toute ma vie.*

*Ne comptez pas sur moi pour changer les pions*
*Mais si vous voulez renverser l'échiquier je suis votre homme.*

*Je ne sais qu'une révolution*
*Qui fut vraiment radicale :*

*Celle-là est la seule véritablement sérieuse,*
*Je veux parler du déluge !*

*Mais même encore alors le diable y perdit ses droits,*
*Vous savez que Noë prit la dictature.*

*Refaisons cette révolution d'une façon plus complète,*
*Pour cela il faut des hommes... et même des orateurs.*

*C'est vous donc qui procurerez l'eau nécéssaire à l'inondation,*
Moi je fournirai le brûlot qui fera sauter l'arche !

viver como nós—e por isso os convidamos a partilhar do nosso combate...

---

Publicado orijinariamente em *l'anarchie* (Paris, 3, novembro, 1910) este artigo foi reproduzido nos *E'crits Anti-mortuaires* (2 nov. 1911) donde o traduzimos. Vái com vista à cambada que por aí *sise* no culto do balcão.

---

**Lêr sobre os mortos:**

*Le culte de la charogne*, por Libertad; *Abas les morts*, por Ernest Girault; *La Vie Naturelle*, publicação néo-naturiana. Pedidos a *Henri Zisly*, 7, Rue Jean-Robert, Paris-18-e.

## FALAR AOS MORTOS...

*Montbrisson*, 11, Julho, 1892.

. . . . . .

No cemiterio. Um omem cava a terra. Em breve surje o esquife. Arrebenta-o, numa audácia. Os clarões duma lanterna fazem cintilar as joias que enfeitam o cadaver. O omem curva-se e apodera-se delas.

Pensa: *¿porque conservam os mortos estas riquesas enquanto milhares de pobres estoiram de fome?*

Nasce-lhe então a vontade de utilisar todas aquelas joias na conservação da sua vida e na difusão das suas ideias. Ajudará os seus amigos, agora que tem averes, a espalhar os escritos da verdade — as palavras rebeldes que sacudirão a massa embrutecida...

E' preso. Julgam-no e condenam-o. Vai sêr ezecutado. Espera a morte escarrando o seu desprezo na cara dos carrascos. Canta em voz forte uma satira chicoteante aos opressores.

Tem um ultimo grito — e êsse é ainda um grito de revolta.

*Viva a Re...volução!*

Mas quem é o omem?

***Ravachol!***

Os cerebros tacanhos chamam a este acto «profanação de sepultura» enquanto que outros, mais livres, o encontram conforme à lojica anti-idólatra — à razão.

Porque os mortos — acrescentam — não precisam de nada. Começam em esterco — e acabam em pó.

ZISLY.

*Germinal*, Paterson, (America do Norte, Julho, 1901).

## APOTEOSE DA MORTE

E' nas ezequias das vitimas de catástrofes, caidas «no campo da onra» (estilo burguês) que o culto dos mortos atinje o mássimo. Os discursos, a água benta e as decorações chovem em cornucópia. A idolatria começa nos patriotas do capitalismo — *mortos desconhecidos* — e estende-se aos *revolucionários* do sindicato — *vitimas dos gaioleiros*.

E' por toda a parte o culto odioso do cadaver, que leva Bartolomeu Constantino, entre pompas, ao coval do cemiterio — e o deixa vivo, quási cego, a comer o rancho dum quartel!

Conserve-se a vida aos vivos — e que os mortos desapareçam de vez!

**Leiam, no próssimo número,**

**Da arte e das ideias**

**Do povo e do teatro**

**Entrefala com**

**José Alves da Cunha**

**"o àter-artista,,**

**por JULIANO JOSÈ RIBEIRO**

## Antes de o ser já o era...

Numa palestra aos jóvens sindicalistas da sècção do C. C e P., ultimamente realizada, o velho militante Serafim Lucena prometeu tratar temas como êstes: «A Formação do Mundo», «A Orijem do Omem» e «A Ação das Juventudes Sindicalistas através da Istória».

Dos três temas enunciados o último é, sem dúvida, o mais sensacional. O velho cam. conferente vai por certo evocar a àção preponderante ezercida plos jovens sindicalistas na tomada de Constantinopla, em 1453; ou ainda prevar como os assassinos de Viriato eram membros da Juventude Sindicalista de Figueiró dos Vinhos.

A' estraordinario interêsse por esta conferência, tanto mais que, segundo consta, será acompanhada de interessantissimas projèções luminosas d'aspétos tirados no momento psicolójico d'àção.

## Uma proposta justa

Um grupo de socios *Centro Comunista do Porto*, (Entreparedes) baseando-se no precedente aberto com a espulsão de alguns membros do mesmo Centro, acusados de parciais da «ditadura do proletariado», vai propor a irradiação imediata de todos os socios que vivem sob a proteção e a coberto da odiosa ditadura burguesa.

Entre os indijitados espulsos figuram todos os cavalheiros de indústria cujos nomes publicamos no n.º anterior do ***refratários*** e ainda vários outros de que oportunamente nos ocuparemos.

Aí está uma medida que se impunha. Resalta a imoralidade da decisão que irradiou do Centro Comunista (de Entreparedes) alguns *operarios* bolxèvistas, acrescendo, para cumulo da infamia, que os mais ferozes partidarios dessa irradiação foram creaturas da espécie do *Mario de Azevedo* e *Norberto de Carvalho*, que frequentemente se tem servido das autoridades burguesas pra imunisar os seus estabelecimentos contra os assaltos individuais e colètivos.

## Juventudes individualistas

### AOS NOVOS

***por* H. L. FOLLIN** — *trad. de* **LUCILVA**

Não conheço senão duas categorias de leitores, para os quais, salvo, bem entendido, excepções individuais, é interessante e util escrever a fim d'exprimir ideias animadoras: de um lado os intelectuais pobres e obscuros, do outro a juventude.

Os primeiros são, na verdade, bastas vezes irritados pelas angustias e dificuldades da vida ou pela propria incapacidade de se adaptarem ás necessidades sociais.

E' um publico terrivelmente dificil de satisfazer, orgulhoso, susceptivel, severo na critica. Mas, ao mesmo tempo que a inteligencia, como em todos os outros intelectuais, o livra habitualmente da paixão e modera a parcialidade mental de que nenhum homem se acha isento, a pobreza e a obscuridade protegem-no dos preconceitos do interesse e da vaidade, esses inimigos da verdade ainda piores que os preconceitos da estupidez ou do sentimento.

Para o pensador e para o artista puros, este publico é precioso porque pode ser o depositario que recolhe, conserva e transmite na sombra as obras desprezadas dos autores que não desejam sacrificar as suas ideias ao sucesso, isto é, á popularidade das massas ou ao favor dos pontifices.

Porêm, para o homem d'acção, para o pensador ou para o artista que liga tanto mais valor á expressão do seu pensamento ou do seu idial, quanto mais este possa servir para guiar os passos dos homens para o melhor, ou a embelezar a vida, este publico é insuficiente.

O unico terreno fecundo onde podem fazer a sua sementeira d'ideias na esperança de farta colheita, é a juveutude.

*

A juventude pode ser apaixonada; pode ser parcial, interesseira ou vaidosa; pode mesmo não ser sempre generosa. Mas é a juventude. E' ela a fonte que surge das profundezas da vida. Ela é o instinto que, apesar de todos os estrupos infames, apezar de todos os desvarios de menores cometidos pela iducação sistematisada e pelos particularismos nacionais, politicos, religiosos e sociais, pode perservar o sentimento da unidade humana atravez de todas as classificações e de todos os hierarquismos onde mais tarde o individuo se embrenha sem esperança de salvação. Ela é acima de tudo, o refugio da sinceridade, porque a duplicidade, comodo escudo dos impotentes, é um fardo pouco suportavel aos seus ardores impacientes.

Eis porque eu desejava falar aos novos, pedindo-lhes para me atenderem com uma confiança igual ao meu amor por eles.

Bem conheço os seus defeitos São exagerados? Tanto melhor. A sabedoria é uma amante que não se importa de ser amada apaixonadamente. São presunçosos? Melhor. A divina consciencia de si proprio carece de algumas quedas nos obstaculos do espirito e da vida para aguçar a sua vista e fortificar os seus musculos.

São paradoxais? Melhor ainda. Quando a verdade se vê reduzida a pôr a mascara do sofisma, é esse o momento propício para se lhe arrancar o ultimo véu e surpreendê-la sem dissimulação.

* * *

Um deles, inteligente, bastante para compreender que o seu horror a toda a disciplina intelectual contem talvez alguma preguiça ou desordem, de que deve curar-se, censurava-me recentemente a pretextos varios. Condenava o meu otimismo. «Mas não, caro amigo. Eu não espero que os velhacos se tornem honestos, que Loucheur se desfaça dos seus milhões, que Foch entregue as suas chamarras e Frossard abandone a sua situação.»

Bastava-me que este ultimo se empregasse utilmente numa cooperativa por exemplo; as chamarras se transformassem num brinquedo para rapazes; que os milhões de Loucheur se aplicassem a multiplicar as coisas sem corromper os homens, e que os patifes não fossem protegidos pela Lei e pela Ordem.

Censurava-me de contradizer a minha formula «que o orgulho das élites deve igualar a sua humildade» e invocava «o pensador que virá com ideias sem melhorar o sistema.» Mas, consistirá a humildade das élites em abandonar o mundo ao orgulho dos mediocres que pretendem dirigil-o, ou em saber que não ha uma élite capaz de sósinha refazer o mundo, mas apenas élites capazes, umas de o limpar e outras de o mobilar? E se a ordem individualista é um sistema, a desordem nihilista não será outra?

Censura-me ainda, de atrair adeptos que não poderão fazer viver as minhas ideias mas sim deforma-las; de querer fundar um *parti*, (partido) duas silabas abjétas proprias para me fazerem afastar aderentes, e de invocar «a Fé, bronca megera zarolha».

Nada receio pelas minhas ideias. O conceito de liberdade, deformado pela ideia metafísica de autoridade e pela ligação com conceitos de igualdade e de fraternidade, é indeformavel, quando se toma, como eu o ensino, no sentido positivo de não opressão, e associado aos conceitos de responsabilidade e de sinceridade.

Mas lamento, é claro, que os partidos tenham prostituido o nome que os designa, pois não conheço outro melhor para evocar uma reunião de homens que se ligam com o fim de obter a transformação de instituições politicas opressivas ou dissolventes.

Se preferem que o *Partido Individualista* que sugerí seja uma *União Individualista*, pouco importa, contanto que d'ali provenham mais aderentes, inteligentes e sinceros.

Quanto á Fé, tranquilizem-se. Não lhe darei ocasião a adormecer. Logo que cerre um olho despertal-a-ei.

Que a mocidade seja a alavanca do futuro, ninguem duvida, e é como que uma calinada dizel-o, ainda que lhe faltem para isso certas condições.

Mas quem se importa com esse facto? Os partidos amorfos, frouxos ou mediocres? Não; os partidos que sabem escolher e querer; os que em nome da força da tradição ou da força do sonho, disputem em seu nome a conquista dos apetites e das almas.

O partido dos Daudet e dos Maurras, que sabe que a juventude é depositaria dos necessarios instintos conservadores da humanidade. O partido dos Cachin e dos Barbusse que diz ser éla a depositaria dos seus necessarios instintos revolucionarios. (1)

Mas nós, sabemos tambem, que a juventude é a reserva dos instintos superiores de bondade esclarecida, de razão e d'equilibrio.

Eis a razão porque às Juventudes monarquicas e ás Juventudes Comunistas, nós aspiramos opôr a fundação das *Juventudes Individualistas*,

---

1 O que o nosso camarada diz dos monárquicos Daudet e Maurras póde aplicar-se, com sobrada razão, aos nossos integralistas, eminentes castradores do espirito juvenil e das energias da raça. Entre o Antonio Sardinha e o Antonio Peixe (os Daudet-Cachin portuguêses) não ficaria mal um *jeune homme* tipo Follin...

Têm a palavra os Jovens anarkistas!

N. R. — De armonia com a feição libertaria deste periódico mantemos, integra, a ortografia do tradutor.

**A *Juventude Individualista* de Lisboa, R. Ant.º Pedro, J. S-I.º dá todos os esclarecimentos sobre a fundação de novos nucleos a qualquer joven interessado, bem como sobre os principios da filosofia individualista.**

A todos os nossos ajentes lembramos a conveniencia da pronta liquidação das remessas do ***refratários***.

Lembramos a todos os nossos amigos, camaradas e simpatisantes que ***refratários*** não conta com outros recursos àlém dos da propria venda.

Assinar o jornal, divulgá-lo, auxilia-lo monetariamente — o mesmo é que contribuir para a espansão e intensificação da propaganda anarkista-individualista.

## AOS ASSINANTES

*Já vão sendo oras de os amigos assinantes darem sinal de se... Vamos já no 4.º n.º e até agora apenas um punhado de espontaneistas se tem portado* comm'il faut...

*Queremos refratários á lei de deus e á lei dos omens, mas refratários ao pagamento... isso vírgula!*

*Que diabo! Um poucochinho de vontade e metam dentro dum* enveloppe *uma nota de 1 esc. ou estampilha do correio do mesmo valor.*

*Neste bom combate aos pulhas e às asneiras umanas precisamos de escudos, muitos escudos! para nos defendermos...*

*Entendidos?!*

# Os libertinos da COMÚA

Fizemos nêste jornal, numa linguajem de verdade insofismavel, gravissimas acusações à jentalha da *comùa*. Dessas acusações a principal, a que, por ser mais grave e dum interêsse mais geral, nos apressamos a comunicar aos camaradas de todo o mundo — é esta: a **comùa,** *sustentada e dirijida por burgueses, é suspeita aos trabalhadores, cujos interêsses tem atraiçoado constantemente.* O caso Amadeu Cardoso — escrevemos — é um simbolo.

Quando, vai para dois anos, os corpos administrativos do Sindicato dos Alfaiates do Porto fizeram identica acusação — os insultos, grosseiros e obscênos, choveram em catadupa. Para nós fizera-se a promessa de quebrar-nos os dentes. Quebrar-nos os dentes — *tout court!*... Até oje — nem os dentes partidos nem uma resposta publicada!

A acusação, vibrante, clara — *que sustentaremos em toda a parte*, em *reunião publica* ou *em reunião privada*, **em toda a parte,** repetimos — a acusação está **INABALAVELMENTE DE PÉ!**

**Os libertinos da** *comùa* **tem traído o proletariado do paiz e do estranjeiro, os libertinos da** *comùa* **tem-se locupletado com o dinheiro da propaganda** — são acusações precisas, claras, insofismaveis — tam claras, tam precisas, tam insofismaveis como a soma resultante da adição de duas unidades sêr igual a dois!

Os libertinos da *comùa* **não são sinceros nem onestos nas suas campanhas contra o bolxevismo Russo;** os libertinos da *comùa*, **vivendo à sombra e sob a proteção da ditadura burguêsa,** não têem autoridade para atacar a ditadura do proletariado — são outras tantas acusações **inabalavelmente firmes.** O Damião, **que já se serviu do dinheiro da** *comuna* «diaria» — escrevemos *comúna* para os efeitos da responsabilidade criminal... — **utilisando-o nos seus gastos particulares** — aquisição de vinhos, licores e outras porcarias semilhantes — o Damião, que ademais é um tasqueiro fujido à galeria de Zola — não pode dirijir, mandar e governar um periodico com pretensões a libertario. Esta acusação *está tam firme e inabalavel como as outras!*

Mas à jentalha da *comùa*, **que não podia responder-nos,** tinha de dizer, para oura do convento em ruinas, **alguma coisa.** E disse. A jentalha da *comùa* revelou às massa espantadas dois documentos *ignorados*, formidandos de lójica e anátemas, que o pó dos arquivos parecia ter já sumido. Simplesmente...

Simplesmente um e outro são copiados de *A Aurora*, antigo avatar da *comùa*, numeros de Maio e Junho de 1917, tratando-se, pelo que se vê, duma *reprise* com s u quê de *révanche*.

Esses documentos (!), que agora se ezibem com um ar simuladamente triunfal, são conhecidos dos anarkistas do paiz — desde que apareceram à publico! *A Aurora* teve mesmo a *jentilesa* de transcrevê-los vai para cinco anos. *Ninguém os ignorava.* O primeiro deles — a *Carta dum crente* — triste fruto duns 18 anos perdidos na crápula e na *libertinajem* da rua do Cativo — na rua do Sol como na rua do Cativo nunca se fez *libertarismo* mas sempre *libertinajem* — foi refutado pelo autor no n.º 5 do periódico *Luta Social*, 16 de Junho de 1917, terceira pájina, artigo *Génesis dum espírito*. A jentalha da *Aurora* leu o artigo, gostou — e pela pena do oje secretario jeral da C. J. T. escreveu induljentemente «esperar que os àtos viessem confirmar as palavras de Juliano Ribeiro»!

O segundo *documento* (a circular do *Lábaro*) publicado tambem na *Aurora* em Junho de 1917 — é um documento **FALSISSIMO** sob o ponto de vista catolico, **VERGONHOSAMENTE** comprado pelos **POLICIAS** da *comùa* a um ex-membro do grupo anarkista ilegalista *Iguais* — desgraçada vítima do alcool que findou trajicamenta metendo uma bala no crânio.

Sobre êstes dois *documentos* temos um amplo *dossier*. Nós podemos provar que o Juliano, entrado na redação do cotidiano *A Liberdade* em Julho de 1914, *apenas lá esteve um mês* — em breve se arrependendo dum passo que a *Génesis dum espírito* esplicou largamente. Essa atitude valeu-lhe a perda dum futuro materialmente seguro, a posição mais ou menos brilhante que se lhe oferecia no jornalismo diario, que o nosso camarada não teve duvida em abandonar no desejo muito ardente e muito sincero de satisfazer a sua consciencia revoltada.

Mas suponhamos que não foi assim; suponhamos que o Juliano, dando ouvidos ao seu «amigo» Mário de Azevedo — *au présent* assambarcador de arroz pôdre e duma espécie de moral mais pôdre ainda — tinha asseitado *para sempre* um logar no jornalismo católico; suponhamos mesmo que foi ele o autor do *Lábaro*, suponhamos tudo quanto aprouver aos libertinos: **não fica de pé, insofismavelmente de pé, o que dissemos no nosso n.º anterior,** ou seja «que o patife, o malandro e o vendido aos católicos» **foi chamado ao escritório do sr. Cristiano de Carvalho no dia 13 de Julho de 1920,** três anos após o *Lábaro* e seis após a *carta dum crente*, **sendo convidado pelos proprietarios** da *comùa* a **encetar no mesmo** *water-closet* **campanhas da magnitude** d' *O grande Alarme*, **proprias para** *A Batalha*, **mas que esta,** «coata ao egoismo das massas sindicadas» **não podia decentemente começar?!**

Então aqueles *documentos* — supondo que o segundo é verdadeiro e o primeiro não esteja justificado — só começaram a valer quando o Juliano sacudiu a coleira e veio para os ***refràtários*** apontar-lhes as nauseantes maselas? Se êle se calasse, se em vez de unir os seus esforços aos esforços dos demais ***refràtários*** êle continuasse a dar ouvidos ao Damião — os *documentos* permaneceriam sob o pó das coleções de *A Aurora* e ele continuaria sendo, como disse o sr. Cristiano na reunião de Julho, «a única pessoa que num orgam anarkista escrito por comerciantes decentemente poderia levar a cabo empreza tam melindrosa como as campanhas anti-bolxevistas»...

Depois disto ainda averá quem os tome a sério — fóra da Associação dos Droguistas?! Porque, evidentemente, toda a *comùa* deu em droga!

*

De mistura com os *documentos*, e à guisa de comentários, fazem-se umas insinuações infamissimas a dois componentes do ***refràtários***. A ladistagem da *comùa* não perde o ábito de ezibir a navalha.

Felizmente já por lá andamos. Conhecemos-l es as manhas e sabemos que para insinuações daquela espécie só nos pode valer um Damião curado e de novo ao balção.

... porque este nosso *amigo* — sabem? — em vez de nos quebrar os dentes, como prometera, teve o bom senso de recolher á cama — gravemente doente...

*

Os da *comùa* — pasmem! — insinuam ainda que nós roubamos!

Os rapazes, depois que reconquistaram o sr. Cristiano, teem feito progressos!

Finos — que nem o chefe Carvalho!

A rua do Sol — secção 11.ª da Judiciaria!

E mete um alfinete a istoria...

E' máu. Os alfinetes espetam...

Pois amigo Darvin: completa a denuncia gratuita: começa por delatar os roubos que diariamente e dentro da lei cometem os bemfeitores do teu jornal.

Por nós **emprazamos-te a que nomeies as pessoas a quem roubamos o papel e o alfinete.** Aí, vilão! Falar, acusar — mas assim, **clarinho e sem ambajes.** Que temos a impressão que essa istoria do alfinete e das resmas — cheira, se não a caldo esturrado, a arroz assambarcado!

E no capitulo arroz... Pobre Mário — que te espetas...

*

Cumprindo uma deliberação do grupo editor do ***refràtários*** foram mandados ezemplares do terceiro n.º para as organisações anarkistas e bolxevistas da França, Italia, Espanha, Alemanha, Olanda, Brazil, Chile e Argentina.

Na Beljica encarregou se da difusão do jornal o camarada *Mundamus*, de Bruxelas; em França o camarada Zisly, um dos mais antigos elementos do anarkismo militante, chamou a si a tarefa de levar a nossa nota e os elementos manuscritos que a acompanhavam ao seio das organisações libertárias da lingua francêsa.

Para não perder mais espaço no jornal com esta questão, que de resto tem um enorme interesse social, os nossos camaradas Juliano Ribeiro e Delio Vouga vão colijir uma serie de notas sobre os libertinos da rua do Sol, notas que sairão em brochura, escrita em francês e portugues. Nessa brochura serão resumidos todos os nóssos acusações aos libertinos, fazendo-se simultaniamente a istoria edificante das suas *gloriosas* emancipações económicas, sistema egotista, e a istoria não menos edificante das suas traições ao proletariado — que começa com a narrativa trajica dos punhais de meio metro no campo do funil iro, ao monte Pedral, toca no Abel Mancos, a eroico padeiro que o sr. Cristiano tanto prezou (...) — e vem findar na apoteóse do Mario de Azevedo a dar vivas á iguaidade entronizado nos sacos do arroz de S. Domingos e no Damião Castelo a rejenerar os prolos, dando-lhes a beber carrascão a 20 centavos o cálice!

A apoteose, numa grande jirandola entusiasta, terminará na ezaltação do Paiva e do Costa Carvalho — a encaixar o Porto nos armazens de Entreparedes...

*

**Temos a certeza** que a «jente» da *comùa* não voltará a ocupar-se de nós. E'-lhe **impossivel** fazê-lo. As nossas acusações são irrefutaveis — e a lama que guardavam nos intestinos foi toda *espectorada* nos «documentos.» Póde vir, é provável que venha, alguma nova manifestação-sinha de apreço no jénero da carta dos presos do Limoeiro. Isso apenas. A *opinião* libertina ao lado da *comùa* deve bastar para destruir tudo o que dissemos.

*

E a propósito dos «presos do Limoeiro». Talvez estranhassem porque não perdemos tempo com o documento que a *comùa* arquiva na sua segunda pájina. Esplica-se a razão. O documento, nas suas partes mais picantes, foi arranjado pelo Damião. Depois, estes presos que agora os da *comùa* tam enternecidamente aclamam — ou êles inconscientemente não lhes fizessem o jogo! — ainda á pouco eram para eles todos — **vadios, «souteneurs», reles presos comuns.** Pelo que se deduz que para a moral bifronte dos da *comùa* é-se bandido ou santo consoante se está contra ou a favôr dêles!

E nesta istoria dos presos: o camarada Manoel Vieira, que não sabemos se tambem assinou a celeberrima carta, poderia dar-se ao incómodo de preguntar ao Damião por que motivo **DEMOROU POR TRÊS SEMANAS** a publicação do artigo que o Juliano escreveu em sua defeza — quando o mesmo Damião tam solicito era em publicar *imediatamente* tudo quanto o nosso amigo escrevia sobre a Russia?

Mas os presos, alcunhados de *souteneurs* e *vadios* pelos da *comùa*, persistem em estar com ela. Questão de gostos. **Quem jámais ficará com êles** — é o Norberto, o Mario ou o Damião.

Não que estes, nada tolos, são dos tais que põem a tranca — ántes da casa roubada!

A todos os camaradas que nos tem enviado documentos e notas sobre as falcatruas comerciais e as traições do bando libertino da *comùa* devemos dizer que nessas traições e nessas falcatruas só nos interessa o lado social. Muitos dos nossos correspondentes têem-se detido na análise da vida de certos elementos por nós combatidos, especialmente dos srs. Damião Castelo e Tercio de Miranda. Perdem o tempo e o teitio. O que êsses cavalheiros fazem em casa — é lá com eles. Em casa, como o outro que diz, até podem andar com as mãos pelo chão e a cabeça pelas paredes — não nos estorvam.

*

Ainda uma nota final: porque é que sendo as acusações do ***refràtários*** assinadas por todo o grupo-editor deste periódico — só o Juliano foi insultado pela *comùa*? Demos de barato que tudo o que ali se disse é verdade; que o Juliano é o ultimo dos biltres — continuam de pé, *insofismavelmente de pé*, as acusações feitas pelo

Grupo anarkista ***refràtários.***

## SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

*Transporte*, 43$90

Peixoto (jovem) — 1$50; José Maria de Sousa, Manuel Ferreira Torres, Enrique Fernandes, João A. Deus Cunha e Juliano — 5 × 1$00 = 5$00; Delio Vouga e Manuel Batista Fernandes — 2 × 2$50 = 5$00; Antonio José de Brito — 5$00; José da Costa Neves, Prudencio da Costa Amaral, Antonio Augusto Salgado, Salvat rra Junior, Jorj da Silva Pinh iro, José da Fonte, José Franco e um comunista-individualista — 3 × 1$50 = 4$00; Manuel da Silva — 4$00; Quete tirada por J. A. Deus Cunha numa ofi. de manipuladores de pão da r. de Costa Cabral — 4$60.

Total: 73$00.

DA COMEDIA E DOS COMEDIANTES

CRÓNICAS TEATRAIS

## ALVES DA CUNHA

Deixei á poucos momentos, no seu camarim acanhado do *Aguia d'Ouro*, o àtor sr. Alves da Cunha, que me recebeu travestido de M.eur Lechat — aquele ruidoso Lechat que Mirbeau sonhou, Thadée pormenorisou — e Alves da Cunha vive numa assombrosa creação de arte.

Deixei-o cercado de amigos e de admiradores — o mais apagado dos admiradores eu-mesmo — e agora, semi-estinta a sensação febril do primeiro momento, em vão procuro analisar os processos artisticos e as modalidades cénicas do àtor que durante quinze dias emocionou toda uma cidade.

O omem que teve a audácia de representar num meio como o nosso, tam sétário e tam mesquinho, *Negócios são negócios* — é um omem que *pensa*; mas um omem que interpretou, como Alves da Cunha interpretou, a trajedia de Bernstein, a temerosa e opressiva *Garra* — é indubitavelmente um artista supremo!

Quando a arte atinje estas culminancias — o critico, relembrando a istoria ilariante de Zoilo, guarda de Conrado o prudente silencio... Ou então, sincero e comovído, sentindo o coração bater em comunhão intima com toda uma plateia — ele deixará o ar recolhido e severo para espandir a alma num italianissimo e ardente — *Bravo!*

*

Alves da Cunha, em *A Garra*, é simplesmente assombroso. Ninguem acreditará, vendo-o representar, que está em presença dum *novo*. Os seus processos artisticos revelam um estudo persistente, porfiado, continuo. Na *Garra* não escapa um pormenor — o mais insignificante, o menos caraterístico dos pormenores. Todo o terceiro áto, que o espétador *vive* numa angustia crescente — é majistralmente representado.

Nas cenas do último ato, as que precedem a loucura, Alves da Cunha dá-nos um *Aquiles Cortelon* espantosamente crucificado em dôr, em angustia, em amôr e em vergonha — e todas essas multiplas cambiantes resultam claras no livido *facies* do artista que só encontra a ajudá-lo, para infortúnio dele e nosso, o talento prometedor de *Berta Bivar*, que se nos revelou uma futura grande atriz, já em ridente e plena floração!

*

Não insultarei Alves da Cunha chamando-lhe um *jenio*.

Alves da Cunha é mais do que isso — é um estudioso. «Na arte como na rialeza já não á direitos divinos». A estupida teoria da predestinação, pulverisada por Zola em *Le naturalisme au théatre* — é oje uma teoria *démodée*. A' ainda, infelizmente, quem a cultive — e os que assim fazem não se apercebem que a predestinação é o maior incentivo á preguiça e ao inlabor. Pois se não depende do esforço mental do omem sêr um artista ou um sabio, um bom enjenheiro ou um ótimo aviador — para que maçar o cérebro com leituras indijestas, para que estudar ános sem conta? Se não depende do meu proprio esforço ser um bom ou um máu artista — mas apena dos acasos da cópula; se a minha bossa para a pintura ou para o teatro é um dom injenito e que portanto deve saír comigo da barriga da maman — para que matar o corpo na investigação de ipotéticas verdades»? Que a pandega viva — e o diluvio *aprés moi*.

Alves da Cunha não nasceu jenio. Estudou — e tanto estudou que representa com vibrações estra-umanas. O Aquiles Cortelon do quarto àto de *A Garra*, feito por ele, deixa de sêr o chefe renegado dum partido moralisador e revolucionario, a vitima inábil duma mulher astuta — para se tornar o simbolo supremo dessa suprema luta dos sexos, que já dera a Strindberg os paradoxos demolidores do *Pái* e que tem dado á literatura universal algumas das suas melhores pajinas!

LUCIANO DO RIO.

**Já com uma parte do jornal impresso aparece-nos o orgam dos libertinos, que publica uma estensa carta do libidonoso Alves Pereira (o 201) que toda a jente conhece pela lingua ignobil de rameira.**

**Toda a jente — e o sr. Antonio Brito LUI AUSSI!**

**A só publicação desta carta, depois dos libertinos anunciarem por DUAS VEZES que não mais voltariam ao assunto** — *é estrondosamente tipica.*

**Feridos** — *e a fundo!*

**Falaremos.**